Um pequeno recorte na história da educação dos surdos

A brief overview of the history of deaf education

Una breve mirada a la historia de la educación de las personas sordas

Karla Cuellar Heilmann[1]

Resumo

Heilmann, K. C. Um pequeno recorte na história da educação dos surdos. ***Rev. C&Trópico***, v. 50, n. 1, p. 157-186, 2026. Doi: 10.33148/ctrpico.v50i1.2496

O artigo examina a evolução histórica da educação dos surdos, destacando as contribuições de educadores pioneiros que influenciaram práticas pedagógicas, políticas educacionais e a percepção pública sobre a comunidade surda. O objetivo central é compreender como essas contribuições moldaram a educação inclusiva e promoveram o reconhecimento da língua de sinais como ferramenta essencial para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural dos indivíduos surdos. A pesquisa parte da premissa de que a educação dos surdos passou por transformações significativas ao longo dos séculos, desde a marginalização na Antiguidade até a consolidação de métodos educacionais inclusivos e especializados. Ademais, a discussão é enriquecida por referenciais críticos contemporâneos, notadamente Boaventura de Sousa Santos, Harlan Lane e Carlos Skliar, cujas formulações permitem compreender que a inclusão de estudantes surdos não se exaure no acesso formal à escola, exigindo o reconhecimento da língua de sinais, da identidade surda e do direito à diferença cultural.

Palavras-chave: Surdos; Educação inclusiva; Epistemicídio.

Abstract

Heilmann, K. C. A brief overview of the history of deaf education. ***Rev. C&Trópico***, v. 50, n. 1, p. 157-186, 2026. Doi: 10.33148/ctrpico.v50i1.2496

This article examines the historical evolution of deaf education, highlighting the contributions of pioneering educators who influenced pedagogical practices, educational policies, and public perception of the deaf community. The central objective is to understand how these contributions shaped inclusive education and promoted the recognition of sign language as an essential tool for the cognitive, social, and cultural development of deaf individuals. The research starts from the premise that deaf education has undergone significant transformations throughout the centuries, from marginalization in Antiquity to the consolidation of inclusive and specialized educational methods. Furthermore, the discussion is enriched by contemporary critical references, notably Boaventura de Sousa Santos, Harlan Lane, and Carlos Skliar, whose formulations allow us to understand that the inclusion of deaf students is not limited by formal access to school, requiring the recognition of sign language, deaf identity, and the right to cultural difference.

Keywords: Deafness; Inclusive education; Epistemicide.

Resumen

Heilmann, K. C. Una breve mirada a la historia de la educación de las personas sordas. ***Rev. C&Trópico***, v. 50, n. 1, p. 157-186, 2026. Doi: 10.33148/ctrpico.v50i1.2496

Este artículo examina la evolución histórica de la educación de las personas sordas, destacando las contribuciones de educadores pioneros que influyeron en las prácticas pedagógicas, las políticas educativas y la percepción pública de la comunidad sorda. El objetivo central es comprender cómo

[1] Doutora em Direito Público e Evolução Social pela Universidade Estácio de Sá/Rio de Janeiro. E-mail: profkarlacuellar@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8667-0993

estas contribuciones moldearon la educación inclusiva y promovieron el reconocimiento de la lengua de signos como una herramienta esencial para el desarrollo cognitivo, social y cultural de las personas sordas. La investigación parte de la premisa de que la educación de las personas sordas ha experimentado transformaciones significativas a lo largo de los siglos, desde la marginación en la Antigüedad hasta la consolidación de métodos educativos inclusivos y especializados. Además, el análisis se enriquece con referencias críticas contemporáneas, en particular de Boaventura de Sousa Santos, Harlan Lane y Carlos Skliar, cuyas formulaciones permiten comprender que la inclusión de los estudiantes sordos no se limita al acceso formal a la escuela, sino que requiere el reconocimiento de la lengua de signos, la identidad sorda y el derecho a la diferencia cultural.
Palabras clave: Sordera; Educación inclusiva; Epistemicidio.

Data de submissão: 17/03/2025
Data de aceite: 28/04/2026

1. Introdução

A educação das pessoas surdas constitui um campo que passou por profundas transformações ao longo da história, sob a influência de diversos educadores de notável relevância em diferentes contextos internacionais. Através de uma análise abrangente e crítica, este estudo visa fornecer as principais contribuições e realizações desses educadores e seu legado duradouro na área da surdez. A pesquisa fez uso do método hipotético-dedutivo, fazendo uso da pesquisa bibliográfica (recortes de pesquisa) e pesquisa qualitativa.

A elaboração deste artigo foi fundamentada em uma seleção de autores que abordam o tema de maneira significativa. As principais referências utilizadas nesta construção foram**:** Jannuzzi[2] (2004) que apresenta uma visão ampla da educação de deficientes no Brasil, desde os primórdios até o início do século XXI; Nascimento[3] (2006) que analisa a trajetória da educação dos surdos a partir da perspectiva de Ferdinand Berthier; Strobel[4] (2009) que foca na história da educação dos surdos, oferecendo contribuições importantes para a compreensão do desenvolvimento dessa área ao longo do tempo. A esse conjunto somam-se, para fins de problematização teórica da relação entre surdez, inclusão e exclusão, Lane (1992), ao criticar a racionalidade paternalista das instituições ouvintes, e Skliar (1997), ao propor uma leitura sócio-antropológica da surdez, deslocando o foco do déficit para a diferença linguística,

[2] JANNUZZI, G. S. *A educação do deficiente no Brasil*: dos primórdios ao início do século XXI. Campinas: Autores Associados, 2004.
[3] NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro. "Um pouco mais da história da educação dos surdos segundo Ferdinand Berthier". *Revista ETD Educação Temática Digital,* Campinas, v.7 nº 2 p. 255 a 265; jun. 2006.
[4] STROBEL, Karin. *História da educação dos surdos*. Florianópolis: UFSC, 2009.

cultural e política.

Ao longo dos séculos, a educação dos surdos tem sido influenciada por um conjunto de pioneiros cujas contribuições inovadoras estabeleceram os fundamentos para abordagens educacionais eficazes e inclusivas. Este artigo tem o propósito de analisar e reconhecer as contribuições notáveis dos principais educadores de surdos ao longo da história, abrangendo um espectro temporal que abarca desde os primórdios do ensino voltado para os surdos até os avanços mais recentes no âmbito da educação inclusiva e com impacto duradouro no contexto contemporâneo.

Educadores provenientes de diversas partes do mundo tiveram funções cruciais no aprimoramento de métodos de ensino, formas de comunicação e políticas educacionais voltadas para os surdos. Estes precursores, ao longo dos séculos, demonstraram um comprometimento inabalável com a causa da educação para surdos, enriquecendo a compreensão de como os indivíduos surdos aprendem, se comunicam e participam da sociedade.

Os precursores da educação dos surdos têm desempenhado um papel crucial na desconstrução de estereótipos prejudiciais e na promoção da igualdade de oportunidades educacionais para os surdos. Suas contribuições têm influenciado não apenas as práticas educacionais, mas também as políticas governamentais e a percepção pública em relação à comunidade surda. Ao reconhecer a singularidade das necessidades dos surdos e a importância da linguagem de sinais, esses precursores abriram caminho para abordagens pedagógicas mais inclusivas, que respeitam a diversidade linguística e cultural da comunidade surda.

Inicialmente, as pessoas surdas eram frequentemente marginalizadas e excluídas da sociedade devido à sua deficiência auditiva. No entanto, ao longo do tempo, houve avanços importantes na forma como a educação dos surdos foi concebida e fornecida.

Ao estudarmos a trajetória da educação dos surdos torna-se evidente a necessidade de uma abordagem multifacetada para compreender as raízes dessa história. Isso nos permite explorar a questão da educação inclusiva versus paradigma da exclusão bem como, ao examinarmos o histórico dos povos e comunidades surdas, somos capazes de compreender melhor suas conquistas nos campos linguístico, educacional, cultural e político.

Ao longo da história, a educação dos surdos no mundo passou por uma série de transformações, refletindo as diversas atitudes e abordagens em relação à surdez e à inclusão. No passado, as pessoas surdas enfrentaram vários desafios para obter uma educação adequada, devido à falta de compreensão e à escassez de recursos disponíveis.

É de suma relevância ressaltar que se configuram diversas identidades surdas, assim como movimentos, comunidades e memórias dessa comunidade. Ademais, cumpre notar que a interpretação da narrativa histórica subjacente apresenta variações sensíveis, estas condicionadas aos contextos intrínsecos à experiência das comunidades surdas. Tais reflexões concorrem para a ampla apreensão dos eventos e das reverberações decorrentes das metamorfoses vivenciadas pelo povo surdo e sua comunidade ao longo do tempo, de maneira a fornecer uma sólida fundamentação para a compreensão contemporânea dessas realidades.

Por esses motivos, passamos, a partir deste momento, a entender a história da educação dos surdos assim: "compreendendo e estudando o passado passamos a entender a situação atual" (Strobel, 2009). "O estudo do passado nos ajuda a compreender o presente" (*id*, 2009).

Feitas as considerações iniciais, passaremos a conhecer a linha do tempo dos precursores.

2. A trajetória da educação dos surdos – Da Antiguidade ao período precedente ao abade L'Éppe

Os historiadores utilizam vestígios do passado como fontes para fatos históricos. As diversas evidências deixadas pelos povos surdos ao longo do tempo são valiosas fontes históricas.

De acordo com Nascimento (2006):

> A história da educação dos surdos tem sido marcada por uma discussão polêmica sobre qual a melhor maneira de educá- los. Essa discussão traz como tema a questão linguística, colocando em conflito dois blocos de pensamentos: aquele que defende o ensino da língua oral para os surdos como única forma de inseri-los na comunidade ouvinte e aquele que defende a língua de sinais, própria da comunidade surda, como meio linguístico pelo qual deve-se desenvolver sua educação... (Nascimento, 2006, n.p).

As mais antigas fontes históricas que fazem menção a indivíduos com surdez remontam a cerca de 3000 a.C., com registros situados no território egípcio.

Em tempos da Roma Antiga, os indivíduos com surdez foram alvo de perseguições inclementes, sendo categorizados como pessoas atingidas por punições divinas ou por malefícios sobrenaturais. Esta condição frequentemente encontrava solução através do abandono ou, em casos extremos, da eliminação física, comumente efetuada através do ato de lançá-los no rio Tibre. Somente aqueles que lograram sobreviver a tal infortúnio ou aqueles cujos progenitores os ocultavam tiveram a oportunidade de escapar deste destino funesto. Outra prática disseminada na sociedade romana consistia em submeter os indivíduos surdos à escravidão, obrigando-os a passar toda a sua existência laborando dentro de um moinho de trigo. Esta dura realidade evidencia de maneira incontestável o modo como os surdos eram marginalizados e explorados, sujeitos a violência e a severas restrições em suas vidas relegadas às margens da sociedade romana. A história documenta, portanto, os desafios enfrentados pelos surdos em épocas passadas, ilustrando a necessidade premente de compreender e superar suas experiências a fim de promover uma sociedade contemporânea notoriamente mais inclusiva.

Na Grécia, os surdos eram vistos como inválidos e um fardo para a sociedade, o que os levava a serem condenados à morte, lançados dos topos de rochedos em Taygéte, ou afogados nas águas de Barathere. Aqueles que sobreviviam viviam em extrema miséria, reduzidos à escravidão ou ao abandono.

No contexto histórico do Egito e da Pérsia, é possível observar uma percepção distinta em relação aos indivíduos surdos, que eram considerados criaturas abençoadas e designadas pelos deuses, devido à crença de que eles mantinham uma comunicação secreta com o divino. Nestes territórios, florescia um notável humanitarismo e respeito em relação aos surdos, resultando em sua proteção e honra manifestadas através de demonstrações de afeto. Contudo, apesar desse tratamento diferenciado, é imperativo assinalar que os surdos não recebiam educação formal e levavam uma existência caracterizada pela inatividade. Desde os tempos remotos da Antiguidade até grande parte da Idade Média, os surdos eram percebidos como indivíduos ineducáveis, desprovidos da capacidade de exercer direitos legais fundamentais, tais como o direito ao

matrimônio e à herança de propriedades.

Eles eram vistos como indivíduos estranhos e objeto de curiosidade pela sociedade. Eram impedidos de receber a comunhão devido à crença de que não poderiam confessar seus pecados. Além disso, existiam preceitos religioos que proibiam o casamento entre duas pessoas surdas. Na igreja católica era permitido o casamento apenas para aqueles que obtinham a aprovação do papa.

De acordo com Nascimento (2006):

> Inicia a história na Antiguidade, relatando as conhecidas atrocidades realizadas contra os surdos pelos espartanos, que condenavam a criança a sofrer a mesma morte reservada ao retardado ou ao deformado: "A infortunada criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar (Berthier, 1984, p.165)".

Ainda de acordo com Nascimento (2006), o professor Ferdinand Berthier traz em seu texto escrito que:

> ... no sistema romano os surdos eram privados de seus direitos legais e, entre os egípcios e persas, o destino dos surdos era um assunto de interesse religioso, pois suas debilidades eram consideradas um sinal visível dos deuses. Berthier afirma que somente a religião cristã trouxe aos surdos sua dignidade e os salvou do exílio em que se encontravam... (Berthier, 1984, p.167).

A partir da criação das Santas Casas de Misericórdia no século XV, surgiu pela primeira vez uma preocupação em relação à educação dos surdos, com foco no ensino da linguagem. Durante esse período, o holandês Rudolphus Agrícola escreveu a obra *Inventione dialectica*, considerada por alguns estudiosos como o primeiro relato sobre a educação de um surdo que aprendeu a escrever, a fim de garantir seu direito de herdar títulos e bens da família (Cabral, 2005).

Na Idade Moderna, um marco significativo consistiu na distinção pioneira entre surdez e mudez, o que resultou na supressão da expressão "surdo-mudo" como designação para os indivíduos surdos. No início do século XVI, as primeiras empreitadas no campo da surdez tinham como objetivo principal investigar a capacidade desses sujeitos em adquirir conhecimento. Nesse período, iniciou-se o reconhecimento da necessidade de educar os surdos por meio de abordagens pedagógicas que possibilitassem o desenvolvimento do pensamento, utilizando o ensino da linguagem oral e a compreensão da língua falada como instrumentos centrais. Acreditava-se que a habilidade de se

comunicar verbalmente estava intrinsecamente ligada à inteligência. No entanto, é imprescindível ressaltar que esse tipo de educação era restrito às crianças pertencentes à nobreza, o que limitava significativamente o acesso dos surdos a esse sistema educacional.

Segundo Soares (2005), *apud* Costa (2018), desde os primórdios da Idade Moderna, os indivíduos surdos despertaram um interesse especial no campo da medicina e da religião. A surdez e a mudez, sendo consideradas deficiências relacionadas a anomalias orgânicas, constituíam um desafio significativo para a comunidade médica da época. No contexto das crenças religiosas predominantes, a sociedade tinha o dever de amparar os desfavorecidos, dentre os quais se incluíam aqueles que não podiam ouvir nem falar. Tal imperativo levou vários médicos europeus a empreenderem esforços no sentido de desenvolver métodos destinados a ensinar os surdos a se comunicarem.

Nesse contexto, um dos nomes notáveis a emergir na Itália foi Girolamo Cardano (1501-1576), matemático, médico e astrólogo, que dedicou seus estudos à fisiologia do ouvido e empenhou-se em avaliar a capacidade de aprendizagem dos indivíduos surdos.

Com base em sua pesquisa, o médico Girolamo Cardano chegou à conclusão de que as ideias podiam ser expressas por meio da escrita, o que implicava que a compreensão não estava necessariamente condicionada à audição das palavras. Portanto, a surdez não constituía um obstáculo intrínseco à aquisição de conhecimento. Cardano sustentou a perspectiva de que o uso da linguagem oral não era absolutamente essencial para a compreensão das ideias. A descoberta de Cardano marcou um ponto de inflexão significativo, estimulando um aumento substancial na pesquisa nesse campo de estudo. Diversos eruditos passaram a documentar seus estudos sobre potenciais capacidades de aprendizado da linguagem oral por parte dos indivíduos surdos.

Nos seus estudos, o médico Girolamo Cardano avaliou o grau de capacidade de aprendizado em diferentes tipos de surdos e concluiu que a surdez não afetava a inteligência da pessoa. Portanto, defendeu que a educação dos surdos deveria incluir o ensino da leitura e da escrita. Segundo suas experiências, “a surdez não prejudicaria a aprendizagem, uma vez que os surdos poderiam aprender a escrever e assim expressar seus sentimentos” (Jannuzzi, 2004, p. 31).

A partir dessas descobertas, surgiu a figura do preceptor ou mentor, contratado por famílias nobres para educar os filhos surdos. Isso garantia que não fossem privados de

seus direitos legais, especialmente os direitos de herança, que eram negados porque não dominavam a língua oral.

Outro episódio significativo no contexto da educação dos surdos se desenrolou na Espanha durante o século XVI, protagonizado pelo monge beneditino Pedro Ponce de Léon (1520-1584), frequentemente reconhecido como o pioneiro na função de instrutor de surdos (primeiro professor de surdos). O monge estabeleceu uma instituição educacional destinada aos surdos no Mosteiro de San Salvador, localizado em Oña, na província de Burgos, Espanha. Seu alunado era notadamente restrito e composto exclusivamente por crianças portadoras de surdez, todas elas descendentes de aristocratas abastados ou membros da nobreza.

O trabalho que desenvolveu com as crianças surdas focalizou em ajudá-las a aprender como escrever a língua, instruindo as crianças surdas na escrita e no uso de gestos simples como um alfabeto bimanual. Desenvolveu-se assim um alfabeto manual que permitia ao aluno surdo que aprendesse a soletrar (letra por letra) toda a palavra.

Na Europa do século XVI, predominava a crença generalizada de que os indivíduos surdos eram ineducáveis. De acordo com Moura (2000), *apud* Costa (2018), a contribuição de Ponce de León evidenciou a falibilidade dos argumentos médicos que afirmavam que os surdos eram incapazes de aprender devido a lesões cerebrais. No entanto, é importante observar que, no que se refere aos filhos de famílias economicamente desfavorecidas e indivíduos comuns, a oportunidade educacional escasseava, relegando-os a uma situação de negligência em matéria de educação. De acordo com Silva, V. (2006) *apud* Silva, P.I.X (2013) "os filhos, surdos, da nobreza espanhola recebiam atendimento educacional especial. Já os surdos, filhos dos que não pertenciam à nobreza, viviam em uma verdadeira miséria, sofrendo a falta de educação, consequentemente de trabalho e por fim, um isolamento social enorme".

Em seus escritos Ferdinand Berthier (1803-1886), que foi um educador e pesquisador francês que desempenhou um papel significativo no campo da educação dos surdos, escreve a obra "*Análise histórica da educação dos surdos na Europa, desde a Idade Média até os tempos modernos"* (1869) sendo considerada uma referência importante para compreender a evolução da educação ao longo dos séculos.

Nesta obra, o autor Berthier empreende uma análise minuciosa dos

registros históricos relativos à educação dos indivíduos surdos, abrangendo um período que se estende desde a Idade Média até a época moderna, como diz o título. O autor realiza uma investigação detalhada das distintas abordagens e práticas que foram adotadas ao longo desse intervalo temporal, proporcionando uma perspectiva crítica acerca das tentativas empreendidas com o intuito de instruir e integrar os surdos na sociedade. Por meio de uma análise crítica dos registros históricos relacionados à educação dos surdos, sobretudo no período moderno, Berthier enfatiza a inconveniência de atribuir a Pedro Ponce de León (1520 - 1584) o título de primeiro professor de surdos. Nesse contexto, ele apresenta uma base substancial para embasar essa argumentação:

> Hoje é amplamente reconhecido que toda a contribuição de Ponce foi meramente colocar os princípios da educação para surdos em um patamar mais amplo do que seus predecessores fizeram. Antes de Ponce, muitas tentativas isoladas de instrução tinham sido feitas, com nível de sucesso variável, tanto na França quanto no exterior. Em 1578, Joachim Pascha treinou dois de seus próprios filhos surdos, mas suas tentativas não obtiveram reconhecimento público. Jérôme Cardan, uma das pessoas mais inteligentes de seu tempo e quem talvez tenha mais profundamente revigorado a escola filosófica de seu século, buscou demonstrar que a educação do surdo não era uma impossibilidade, ele não parou aí e manteve um relatório escrito sobre alguns importantes pontos sobre este especial tipo de ensino... (Berthiter, 1984, p.169 *apud* Nascimento, 2006, p.257).[5]

Berthier enfatiza a importância do ensino da língua escrita para os surdos, destacando que a capacidade de comunicação e expressão através da escrita pode abrir inúmeras oportunidades para seu desenvolvimento intelectual e social. Ele também enfatiza a necessidade de uma abordagem individualizada e adaptada à educação dos surdos, reconhecendo que cada indivíduo tem necessidades específicas.

No século XVII, destaca-se a figura notável de Juan Pablo Bonet (1579- 1629), um sacerdote e educador espanhol que desenvolveu uma abordagem sequencial e progressiva para a educação de surdos. Bonet preconizava que o ensino para surdos deveria ser primordialmente fundamentado na aprendizagem da escrita, seguida pela correspondência com o alfabeto datilológico e o alfabeto escrito, culminando na instrução da língua falada. Em 1620, Bonet publicou uma obra pioneira intitulada *Redução das letras e arte de ensinar a falar os mudos*, que, de acordo com Mazzotta (2005, p. 17-18), representa o

[5] BERTHIER, F. "Les Sourdes-muets avant et depuis l'abbé de l'Epée". In: LANE, H. E PHILIP, F. *The deaf experience*: classics in language and education. Tradução do original francês para o inglês de Philip, F. Cambridge (Massachusetts) and London: Harvard University Press, 1984. (Texto originalmente publicado em francês em 1840).

primeiro livro impresso sobre a educação de pessoas com deficiência. É notório que a utilização da datilologia para representar as letras do alfabeto por meio da posição das mãos começou a ser considerada, mas seu propósito principal estava voltado para o ensino da linguagem oral. Além disso, ao ensinar a escrita, a intenção era promover a oralização dos indivíduos surdos.

O professor Berthier em sua obra apresenta algumas considerações sobre Bonet, conforme elucidado por Nascimento (2006):

> Ainda tratando de professores espanhóis, Berthier nos revela sua indignação ao ver Juan Pablo Bonet (1579-1629), autor do livro "Arte para enseñar a hablar a los mudos", creditar a si a descoberta de como ensinar o surdo a falar. Segundo Berthier, tal crédito poderia ser reivindicado por seu rival Ramirez de Carrion, que era surdo congênito e teve sucesso, no julgamento dos críticos de seu tempo, em um experimento com Emmanuel Philibert, o príncipe surdo de Carignan. "Seu livro, publicado nove anos depois do de Bonet, recebeu o título Maravillas de naturaleza, em que se contienen dos mil secretos de cosas naturales, 1629" (Berthier, 1984, p. 170, *apud* Nascimento 2006, p.257).

Na Inglaterra, destacou-se o médico e teólogo John Wallis (1616-1703), professor da Universidade de Oxford, como o primeiro indivíduo inglês a empreender esforços no campo da educação para surdos. Ele elaborou a obra intitulada *Da fala ou da formação dos sons da fala*, em 1698. A respeito de sua contribuição, o professor Berthier destaca:

> Embora seu trabalho sobre articulação obtivesse total sucesso e seu Tratado sobre o Discurso e a Formação de Sons (*Grammatica Linguae Anglicanae*) tenha recebido a aprovação dos mais ilustres acadêmicos, ele logo percebeu que os recursos para as pessoas surdas sob seus cuidados eram muito escassos se comparados com aqueles contidos na linguagem de sinais. Em sua carta ao Dr. Beverly no terceiro volume dos trabalhos matemáticos de Wallis (Transações filosóficas de Londres,1698), ele escreve: E este (treino de articulação) é de fato o menor trabalho de dois (embora visto como o mais extraordinário). Mas um sem o outro seria de pouco uso. Pois pronunciar palavras simplesmente como um papagaio, sem saber o que elas significam, não nos traria benefício nenhum. (Berthier, 1984, p. 170 *apud* Nnascimento, 2006, p.257).

Observa-se que Wallis recebe críticas de Berthier devido à sua concepção de que os sinais se limitam essencialmente às letras do alfabeto ou a movimentos dos dedos.

Outro médico inglês que merece destaque é John Bulwer (1614-1684), que publicou a obra *A língua natural da mão e a arte da retórica manual*, em 1644. Bulwer sustentava a convicção de que a linguagem gestual era intrínseca a todos os seres humanos, especialmente aos surdos, e que a utilização de um alfabeto manual era

benéfica. Ele foi o primeiro inglês a desenvolver um método de comunicação efetiva entre pessoas ouvintes e surdas, reconhecendo a importância da linguagem gestual no contexto da educação dos surdos.

A destacada figura de George Dalgarno (1627-1687), um intelectual inglês com profundo interesse nas questões linguísticas, merece especial reconhecimento. Dalgarno é o autor da obra intitulada *O tutor do homem surdo e mudo* (1680), na qual apresentou um sistema linguístico destinado ao uso por parte das pessoas surdas, incluindo o desenvolvimento de um método inovador de datilologia. É notável que esse sistema ainda seja empregado nos Estados Unidos da América.

Na sua obra intitulada *Les sourdes-muets avant et depuis l'abbé de l'Épée*, Ferdinand Berthier faz menção a outros notáveis educadores ingleses que desempenharam papéis relevantes na história da educação de surdos, destacando- se William Holder, Digby e Gregory, cujo objetivo primordial era o ensino por meio da linguagem oral. No âmbito dos educadores da Holanda, Berthier destaca o holandês Van Helmont e o médico suíço Conrad Amman, que residiu em Amsterdã. Ambos empreenderam esforços dedicados ao ensino da fala aos surdos. Segundo Soares (2005), Amman abandonou as práticas médicas em favor da educação, aprimorando um método para instruir os surdos nos sons da linguagem oral, os quais, uma vez aprendidos, eram correlacionados com a representação escrita correspondente. Por outro lado, Van Helmont acreditava na importância de ensinar os surdos a falar em hebraico, considerando-o a única língua que possibilitaria a comunicação direta com Deus. Para embasar seu projeto, elaborou uma descrição pormenorizada do aparato vocal, utilizando o hebraico para ilustrar a pronúncia dos sons.

3. Cronologia de educadores do Abade L'Épée a Ferdinand Berthier: Diversidade de abordagens e perspectivas

No século XVIII, um marco relevante na história da educação de surdos foi o estabelecimento de instituições educacionais dedicadas a essa população. Nesse contexto, surgiram figuras notáveis que desempenharam papéis fundamentais na evolução do ensino para surdos. Um desses pioneiros foi o abade francês Charles-Michel de L'Épée (1712-1789). A partir de 1750, L'Épée empreendeu a tarefa de aprender a língua de

sinais com os surdos que habitavam as ruas de Paris, resultando na criação dos "sinais metódicos", um sistema que amalgamava a língua de sinais com a gramática sinalizada francesa.

Durante um período de 25 anos, Charles-Michel de L'Épée dedicou-se ao sacerdócio e, ao mesmo tempo, manifestou um profundo interesse pelo ensino de pessoas surdas. Ele desempenhou um papel ativo ao trabalhar com indivíduos surdos provenientes de contextos sociais desfavorecidos e ao lecionar para crianças surdas na escola localizada em Truffaut, na França, entre os anos de 1762 e 1763. Essa iniciativa pioneira representou um passo significativo no desenvolvimento da educação para surdos e consolidou a posição de L'Épée como uma figura seminal na história da pedagogia para pessoas com surdez. Vejamos:

> Uma pessoa muito conhecida na história de educação dos surdos, o abade Charles- Michel de L'Epée (1712-1789) conheceu duas irmãs gêmeas surdas que se comunicavam através de gestos, iniciou e manteve contato com os surdos carentes e humildes que perambulavam pela cidade de Paris, procurando aprender seu meio de comunicação e levar a efeito os primeiros estudos sérios sobre a língua de sinais. Procurou instruir os surdos em sua própria casa, com as combinações de língua de sinais e gramática francesa sinalizada denominado de "Sinais metódicos". L'Epée recebeu muita crítica pelo seu trabalho, principalmente dos educadores oralistas, entre eles, o Samuel Heinicke. Todo o trabalho de abade L'Epée com os surdos dependia dos recursos financeiros das famílias dos surdos e das ajudas de caridades da sociedade (Strobel, 2009, p.22).

L'Epée ficou conhecido na Europa devido ao seu trabalho com os surdos como "pai dos surdos". Reconheceu o valor da língua gestual dos surdos criando um sistema de gestos e gramática francesa oral. Com o apoio de recursos públicos, o abade Charles-Michel De L'Épée estabeleceu a primeira escola pública destinada a crianças surdas, a qual, ao longo do tempo, passou a acolher crianças independentemente de seu status social. Essa instituição evoluiu posteriormente para se tornar o renomado Instituto Nacional de Surdos de Paris, anteriormente conhecido como Instituto dos Surdos-Mudos de Paris, cuja fundação remonta a 1760. Em 29 de julho de 1991, uma mudança na legislação francesa transformou a escola em uma instituição governamental, resultando na adoção de seu nome atual, em francês, Institution Nationale des Sourds-Muets à Paris. Esses eventos históricos marcaram uma significativa evolução na abordagem à educação de surdos e na transformação da instituição em um estabelecimento de importância nacional.

Assim a primeira escola para surdos em Paris, conhecida como *Institut National de Jeunes Sourds-Muets* (Instituto Nacional para Jovens Surdos-Mudos) desempenhou um papel fundamental no avanço da educação e na promoção da inclusão dos surdos na sociedade francesa da época. A criação dessa escola trouxe um marco significativo na história da educação dos surdos.

Foi atribuído ao abade L'Épee a inovação de propor o ensino gratuito para as grandes massas de surdos pertencentes às camadas populares, indo de encontro às iniciativas educacionais individualizadas e elitistas da época. Metodologicamente, o abade também inovou ao criar um sistema conhecido como "sinais metódicos", que associava sinais usados pelos surdos com a gramática francesa. O abade L'Épée publicou um trabalho sobre o ensino de indivíduos surdos e mudos por meio do uso de sinais metódicos, no qual estabeleceu as regras sintáticas e introduziu o alfabeto manual concebido por Pablo Bonnet. Posteriormente, essa obra foi complementada com as contribuições teóricas do abade Roch-Ambroise Sicard. Esse método, amplamente conhecido como o "método francês", exerceu uma influência substancial e disseminada na educação de surdos em âmbito global.

> Durante anos, L'Epée ensinou através do método gestual, difundido como gestualismo. Ele inovou utilizando os sinais, sendo o primeiro a reconhecer que os surdos tinham uma língua, algo que não tinha sido considerado por outros educadores. Por esse motivo, foi criticado por aqueles que acreditavam ser a oralização o meio mais eficaz para a educação dos surdos (Costa, 2021, p.03).

Para Berthier, professor surdo que foi um dos defensores da identidade e cultura surda, o abade L'Épée foi o primeiro a livrar o surdo de sua solidão. Sua reflexão é interessante pois é narrada por um professor que apresenta surdez, reforçando assim seu espaço de fala na comunidade surda. Vejamos:

> Até então, como eu já havia explicado, todos os educadores de surdos interpretavam o princípio que "nossa mente não contém nada que não chegou lá através dos sentidos" como se seu único trabalho fosse dar a estes desafortunados o uso mecânico da fala. Ao contrário, L'Epée foi o primeiro a vislumbrar na linguagem mímica ainda imperfeita deles, meios mais seguros e simples de comunicação e uma mais direta e clara tradução de pensamento. E ele fez com que seus tesouros escondidos florescessem – verdade, flexibilidade, a riqueza de um idioma que pertence a todas as nações, de fato, a toda a humanidade, um idioma que admiravelmente resolve o problema de uma linguagem universal a qual os acadêmicos em toda parte têm buscado por séculos em vão. A partir do simples argumento que os surdos podem ser instruídos com o auxílio de gestos da maneira

> como instruímos outras pessoas usando os sons da voz, e que ambos os grupos podem aprender linguagem escrita, o incansável L'Épée criou um novo mundo, toda uma geração (Berthier,1984, p.179, *apud* Nascimento, 2006, p.258).

Assim, a França tornou-se a pioneira na educação de surdos-mudos. Depois de 1791 (criação do Instituto Nacional para Surdos-Mudos em Paris) o estado francês investiu fortemente nesta modalidade educacional. Como resultado de tal investimento, mesmo em escolas públicas, após seis anos de formação, os surdos- mudos "dominavam a língua de sinais francesa, o francês escrito, o latim e outra língua estrangeira também, de forma escrita, [...] tinham acesso aos conhecimentos de geografia, astronomia, álgebra, [...], bem como artes de oficio e atividades físicas" (Silva, 2006, p. 23 - 25).

Na época, era comum os professores de surdos realizarem demonstrações públicas de seus feitos aos reis, filósofos, autoridades e curiosos. Todas essas demonstrações levaram a reafirmar que a pessoa surda é capaz de estudar, adquirir conhecimentos e se comunicar por uma linguagem universal e que na verdade o que se tinha era a discriminação e preconceito com relação a pessoa surda para o exercício de seus direitos.

É digno de notoriedade na história da educação de surdos o nome de Jacob Rodrigues Pereire (1715-1780), que possivelmente foi o primeiro professor de surdos na França. Ele empreendeu a tarefa de promover a oralização de sua própria irmã surda, adotando métodos de ensino voltados para a linguagem oral e exercícios auditivos com os surdos. Pereire enfatizava a importância da oralização como abordagem educacional. Seu trabalho com surdos foi desenvolvido principalmente na França, onde ele utilizou o alfabeto manual como meio de facilitar o ensino da fala.

É relevante destacar que Jacob Rodrigues Pereire nunca publicou formalmente seus estudos, e o conhecimento de seus métodos se baseia principalmente em depoimentos de alguns de seus alunos e em documentos que sua família conseguiu preservar. Esses métodos estavam fundamentados na crença de que os gestos manuais designavam a posição e os movimentos dos órgãos envolvidos na produção do som, bem como nas letras usadas na escrita para representar esses sons. Pereire também introduziu modificações no alfabeto manual originalmente proposto por Bonet, estabelecendo uma correspondência específica entre cada gesto e um som vocalizado.

Em 1750, o pastor Samuel Heinicke (1729-1790) apresentou as primeiras concepções da filosofia oralista na Alemanha, sendo reconhecido como o "pai do método

alemão". Ele estabeleceu os fundamentos da filosofia chamada de oralista pura, que conferia uma ênfase primordial à linguagem falada. O alemão Samuel Heinicke publicou a obra intitulada *"Observações sobre os mudos e sobre a palavra"*. Em 1778, deu origem à primeira instituição de ensino alemã dedicada exclusivamente à abordagem oralista, inaugurando a pioneira escola de oralismo puro em Leipzig, que admitiu inicialmente nove alunos surdos.

No ano de 1760, Thomas Braidwood (1715-1806), um educador escocês, fundou a primeira escola dedicada à educação de surdos na Inglaterra. Seu método de ensino consistia em transmitir aos surdos o significado das palavras e sua pronúncia, conferindo grande importância à leitura orofacial. Posteriormente, em 1783, Braidwood transferiu sua escola para Londres e advogou pelo uso de um alfabeto manual que empregava ambas as mãos. Esse alfabeto manual ainda é utilizado na Inglaterra até os dias atuais.

Através da análise da evolução histórica, torna-se evidente que a escolha do método mais apropriado para o ensino de alunos surdos nunca foi uma questão de consenso unânime entre os educadores. Durante o século XVIII, o cenário educacional europeu foi marcado por um conflito significativo entre duas abordagens predominantes: o Oralismo, que enfatizava a linguagem articulada e a leitura labial e era representado pela Alemanha, e o Método Combinado, que incorporava sinais e escrita sem colocar uma ênfase significativa na língua oral e era defendido pela França.

Após a Revolução Francesa e durante a Revolução Industrial, essa contenda entre os métodos oralistas e aqueles baseados na linguagem gestual se intensificou, resultando em uma era de disputas prolongadas sobre qual abordagem pedagógica deveria ser adotada na educação de surdos.

Outro notável francês que se destacou nesse contexto foi o abade Roch Ambroise Cucurron Sicard (1742-1822), um educador e linguista de renome na França, cujo trabalho desempenhou um papel fundamental na educação de surdos durante o final do século XVIII e início do século XIX. Sicard fundou a Escola de Surdos de Bordeaux em 1786 e, posteriormente, assumiu a liderança do instituto criado por Charles-Michel de L'Épée após a morte deste em 1789. Além disso, ele apoiou a fundação de diversos institutos para surdos em toda a França.

Roch Ambroise Cucurron Sicard aprimorou e expandiu o método de sinalização

manual desenvolvido por L'Épée, criando uma forma de comunicação que integrava gestos e sinais manuais com a utilização da linguagem falada e a leitura labial. Ele foi um ardente defensor da educação de surdos, promovendo a ideia de que eles eram plenamente capazes de adquirir conhecimento e comunicar- se de maneira eficaz. Sicard deixou um legado duradouro na história da educação de surdos, dedicando-se incansavelmente à promoção da inclusão e ao acesso dos surdos à educação de alta qualidade. Seu comprometimento e esforço pavimentaram o caminho para o desenvolvimento de métodos e abordagens inovadoras que beneficiaram inúmeras pessoas em todo o mundo.

Outro nome de importância é Pierre Desloges (1747-1799), reconhecido como uma figura significativa na história do povo surdo e na luta pelos seus direitos. Ele ficou surdo na infância devido a uma doença. Desloges é mais conhecido por sua obra *Surdus loquens*, publicada em 1779, que é considerada uma das primeiras autobiografias escritas por um surdo. Na obra, Desloges compartilha sua própria vivência como indivíduo, destacando os desafios enfrentados em uma sociedade da época. Em seu relato, ele aborda o estigma associado à surdez, as barreiras de comunicação e a carência de oportunidades educacionais disponíveis para os surdos. Com dedicação incansável, Desloges advogou em prol da convicção de que pessoas surdas eram capazes de expressar-se e comunicar-se de forma eficaz, desde que recebessem os recursos e o suporte adequados.

Ele sustentou firmemente a importância da educação e da aprendizagem da língua de sinais como elementos fundamentais para o desenvolvimento e a inclusão plena dos surdos na sociedade. Através de sua obra, Desloges contribuiu significativamente para a conscientização sobre as questões enfrentadas pelos surdos em sua época e promoveu a necessidade de mudanças que possibilitassem uma participação mais equitativa e efetiva desses indivíduos na sociedade.

Embora a obra de Desloges tenha recebido pouca atenção durante sua vida, ela se tornou um importante documento histórico e uma fonte de inspiração para futuros defensores dos direitos das pessoas surdas. Seu trabalho contribuiu para promover uma mudança de perspectiva em relação aos surdos, reivindicando sua capacidade de se comunicar e participar plenamente da sociedade.

Ainda na Idade Contemporânea e avançando para o século XIX, merece destaque

a figura de Jean Itard (1774-1838), que se destacou como o primeiro médico a demonstrar interesse no estudo da surdez e das deficiências auditivas. Itard ganhou renome por seu pioneirismo no campo da educação e reabilitação de indivíduos com deficiência auditiva, bem como aqueles com outras necessidades especiais. Sua contribuição é amplamente reconhecida, e ele é considerado um dos precursores da educação especial.

Jean Itard é notavelmente reconhecido por seu trabalho com Victor, um jovem que ficou amplamente conhecido como o "garoto selvagem de Aveyron". Victor foi descoberto na França em 1800, quando tinha aproximadamente 11 anos de idade, e é conjecturado que ele tenha vivido de forma isolada na natureza durante grande parte de sua vida. Itard assumiu a responsabilidade pela educação e reintegração social de Victor, empregando uma abordagem individualizada e metodológica. Itard desenvolveu métodos e técnicas inovadoras para instruir Victor em habilidades fundamentais, como linguagem, comunicação e comportamento social. Além disso, ele enfatizou a relevância de um ambiente de aprendizado personalizado e estimulante para o desenvolvimento do jovem. Embora o trabalho de Itard com Victor tenha apresentado desafios consideráveis e não tenha alcançado todos os objetivos propostos, sua dedicação e pioneirismo no campo da educação tiveram um impacto profundamente significativo.

Itard destacou a importância da observação minuciosa, da paciência e do respeito pela singularidade de cada criança com deficiência, enfatizando que cada uma delas demandava abordagens educacionais adaptadas às suas necessidades individuais. Seu trabalho contribuiu para moldar o campo da educação especial e para o entendimento mais amplo das estratégias educacionais necessárias para crianças com necessidades especiais.

Jean Itard produziu uma ampla gama de escritos que abordavam a educação de crianças surdas e a necessidade imperativa de adotar métodos educacionais que fossem meticulosamente ajustados às suas necessidades específicas. Seu legado na área da educação especial permaneceu ao longo do tempo, enfatizando princípios fundamentais como a necessidade de uma abordagem educacional personalizada, uma observação meticulosa e o reconhecimento das habilidades distintas inerentes a cada indivíduo com deficiência. Suas contribuições contribuíram substancialmente para o desenvolvimento e

aprimoramento das práticas educacionais voltadas para crianças com necessidades especiais.

Um personagem de notável relevância é Louis Marie Laurent Clerc (1785- 1869), um educador surdo francês que desempenhou um papel de extrema importância na introdução e promoção da educação para surdos nos Estados Unidos. Ele ficou amplamente conhecido como “o apóstolo do surdo na América” ao longo de gerações de americanos surdos. Clerc, desde a infância, enfrentou a surdez como uma condição de sua vida.

Ele recebeu uma educação notavelmente abrangente na França, onde estudou na renomada Escola para Surdos em Paris, sendo instruído por Roch Ambroise Cucurron Sicard. Nessa instituição, Clerc aprimorou seu domínio da língua de sinais francesa e obteve destaque acadêmico. Em um momento crucial, em 1816, Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851), um educador americano pioneiro na área da educação de surdos nos Estados Unidos, empreendeu uma viagem à França em busca de métodos educacionais eficazes para surdos.

Foi nesse contexto que Clerc teve seu primeiro encontro com Gallaudet, e juntos embarcaram em uma missão significativa: estabelecer uma escola dedicada à educação de surdos nos Estados Unidos. Essa colaboração frutífera foi um marco fundamental no desenvolvimento da educação para surdos na América, influenciando positivamente a trajetória das gerações futuras de indivíduos surdos no país.

No ano de 1817, Louis Marie Laurent Clerc e Thomas Hopkins Gallaudet estabeleceram nos Estados Unidos a pioneira instituição de ensino para surdos, reconhecida como a American School for the Deaf (Escola Americana para Surdos). Essa instituição teve sua sede em Hartford, Connecticut. Clerc desempenhou um papel crucial nesse empreendimento, contribuindo de maneira significativa para o desenvolvimento do currículo e da metodologia de ensino adotados na escola. Essa abordagem pedagógica foi solidamente fundamentada na língua de sinais francesa e se consolidou como a base da educação para surdos nos Estados Unidos por um extenso período de tempo. A criação da American School for the Deaf representou um marco fundamental no cenário educacional dos surdos nos Estados Unidos, deixando um legado duradouro que influenciou a educação de surdos em todo o país por muitos anos.

Por fim, nessa linha do tempo com os principais precursores, temos o destaque ao professor Ferdinand Berthier (1803-1886) que foi um educador surdo e pesquisador francês que desempenhou um papel significativo no campo da educação dos surdos.

Berthier, notório defensor da identidade e cultura surda, demonstrou seu compromisso ao promover o uso da língua de sinais como um meio vital de comunicação. Sua trajetória educacional teve início aos 8 anos, quando ingressou no Instituto Nacional de Jovens Surdos-Mudos de Paris (INJS). Posteriormente, dedicou mais de quatro décadas de sua carreira como educador no mesmo estabelecimento. Na qualidade de educador de indivíduos surdos, Berthier fundamentou seu método pedagógico na apreciação da identidade cultural surda e na promoção do uso da língua de sinais. Além disso, seu legado na literatura dedicada à comunidade surda é significativo, com inúmeros livros e artigos que abordam a história e a cultura surda. Em suas obras, ele advogou em prol do reconhecimento do povo surdo, da língua de sinais, da cultura surda e da educação, além de explorar as contribuições de artistas surdos e poetas que se expressam por meio da Língua de Sinais Francesa (LSF).

Berthier enfatizou, igualmente, a importância de proporcionar aos surdos uma educação que incluísse o domínio da língua escrita. Ele ressaltou que a capacidade de se comunicar e se expressar por meio da escrita pode abrir inúmeras oportunidades para o desenvolvimento intelectual e social dos surdos. Além disso, destacou a necessidade de uma abordagem pedagógica individualizada, adaptada às necessidades específicas de cada aluno surdo, reconhecendo a singularidade de cada indivíduo. Suas contribuições foram fundamentais para a promoção da inclusão e do empoderamento da comunidade surda. A obra de Ferdinand Berthier desempenhou um papel fundamental na conscientização sobre a educação dos surdos e influenciou as práticas pedagógicas na época. Seu trabalho contribuiu para a valorização da linguagem escrita e a importância do acesso à educação para os surdos, ajudando a avanços alcançados nesse campo ao longo dos anos.

É importante ressaltar, na história da educação dos surdos em âmbito mundial, o notável caso de Anne Sullivan e Helen Keller. Anne Sullivan, uma professora e mentora de destaque, desempenhou um papel essencial na vida de Helen Keller, uma das personalidades mais inspiradoras da história.

Anne Sullivan assumiu o papel de tutora de Helen Keller em 1887, quando esta tinha apenas sete anos de idade. O contexto de Anne era singular, uma vez que ela própria enfrentava limitações de visão. Helen Keller, nascida em 1880, perdeu sua audição e visão durante a primeira infância, após uma doença. A relação entre Anne Sullivan e Helen Keller foi marcada por desafios extraordinários e por conquistas notáveis. Anne adotou um método inovador de comunicação para interagir com Helen. Utilizando o sentido do tato, Sullivan ensinou a Keller a associar palavras a objetos, permitindo que ela desenvolvesse habilidades linguísticas e de comunicação. Esse processo revolucionário abriu portas para o desenvolvimento intelectual e emocional de Helen Keller. Sob a orientação de Anne Sullivan, Keller aprendeu a dominar múltiplos idiomas, incluindo inglês, francês e alemão, além de dominar o sistema Braille. Anne ensinou Helen a "ouvir" ao tocar seus dedos em sua garganta, lábios e nariz, associando vibrações a palavras. O tato de Anne atingiu um nível de sofisticação capaz de discernir as nuances mais sutis.

Todo esse aprendizado, impulsionado pelos esforços incansáveis de Anne Sullivan, possibilitou a Helen Keller a realização de feitos extraordinários, culminando com a obtenção de um bacharelado, sendo a primeira pessoa surdoa e cega da história a alcançar tal feito. Helen Keller prosseguiu seus estudos acadêmicos, publicando obras autobiográficas e diversos artigos. Ela lutou incansavelmente pela disseminação de métodos educacionais para indivíduos surdo-cegos e pela aceitação plena dessas pessoas pela sociedade. Sua coragem e determinação serviram como inspiração e exemplo para a comunidade surdo-cega e para toda a sociedade.

4. Surdez, inclusão e exclusão – Reflexões

Ao longo da história portanto, observamos diferentes propostas pedagógicas sendo formuladas para a educação de estudantes surdos, revelando um percurso marcado por disputas, adaptações e resistências diante de modelos educacionais tradicionalmente orientados pela lógica do ouvinte. Nesse processo, a educação bilíngue passou, nas últimas décadas, a ocupar lugar de destaque nas reivindicações do movimento surdo, recebendo crescente reconhecimento por parte de pesquisadores, educadores e instituições da área.

Tal perspectiva evidencia a necessidade de uma organização educacional que respeite as especificidades linguísticas da pessoa surda e reconheça a língua de sinais como sua primeira língua, elemento fundamental para o desenvolvimento cognitivo, social, cultural e identitário.

Nessa compreensão, a língua de sinais não constitui mero recurso auxiliar, mas assume função central como língua de instrução, de interação e de construção do conhecimento no espaço escolar. Trata-se, portanto, de uma mudança de perspectiva indispensável para enfrentar desigualdades historicamente produzidas e para promover uma educação efetivamente comprometida com os direitos linguísticos e culturais da comunidade surda.

Apresentamos, neste contexto, a fim de enriquecer o recorte de pesquisa, as contribuições de Harlan Lane (1936 – 2019) e Carlos Skliar (1960).

O psicólogo e estudioso Harlan Lane (1936–2019), linguista e pesquisador americano, foi amplamente reconhecido por sua defesa em prol dos direitos dos surdos e por tratar a surdez como uma diferença cultural e linguística, e não como uma deficiência.

O pesquisador Carlos Bernardo Skliar (1960) renomado fonoaudiólogo e educador argentino, é amplamente reconhecido como uma das principais referências teóricas nos estudos surdos e na educação inclusiva na América Latina.

Esses autores mostram que nem toda proposta de inclusão é, de fato, inclusiva. Muitas vezes, aquilo que parece ser cuidado, ajuda ou proteção pode esconder práticas que limitam a autonomia das pessoas surdas.

Harlan Lane, em sua obra *A máscara da benevolência* (1992) afirma que muitas ações realizadas por ouvintes em relação aos surdos foram justificadas como se fossem medidas de apoio e benefício. No entanto, em diversos casos, essas ações funcionaram como formas de controle, tutela e imposição dos padrões da sociedade ouvinte. A expressão “máscara da benevolência” representa exatamente essa ideia: uma aparência de bondade que, na prática, acaba silenciando a identidade, a língua e a autonomia da comunidade surda.

O núcleo da crítica reside no fato de que nem toda iniciativa designada como inclusiva resulta, efetivamente, em emancipação. Na formulação de Harlan Lane, a chamada “benevolência” traduz uma forma de paternalismo institucional, por meio da

qual a sociedade ouvinte sustenta atuar para integrar, reabilitar, normalizar ou auxiliar a pessoa surda, sem, contudo, reconhecer a surdez como uma experiência dotada de especificidade linguística, cultural e identitária. Sob essa perspectiva, o sujeito surdo deixa de ser compreendido como membro de uma comunidade com língua, história e formas próprias de pertencimento, passando a ser concebido apenas como alguém que deve ser adaptado ao modelo social hegemônico. Nessa medida, a crítica de Lane dirige-se precisamente ao processo de medicalização e ao tratamento historicamente imposto à comunidade surda por instituições científicas, médicas e educacionais.

É neste cenário que emerge a noção de epistemicídio e que não poderia deixar de ser trazido a este estudo a fim de estimular a reflexão. Os estudos sobre epistemicídio no Brasil emergiram no contexto das críticas à colonialidade do saber, especialmente a partir da década de 1990, quando intelectuais e ativistas começaram a questionar a hegemonia do conhecimento eurocêntrico e a marginalização das epistemologias afro-brasileiras, indígenas e de outras populações historicamente subalternizadas.

O termo "epistemicídio" foi inicialmente introduzido no contexto da teoria pós-colonial, especialmente pelos estudos do sociólogo e filósofo Boaventura de Sousa Santos (2010)[6], que o utilizou para descrever a destruição sistemática de formas de conhecimento que não estão alinhadas com as epistemologias dominantes, em especial as do Ocidente. Ele refere-se:

> à destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas (Santos, 2010, p. 183).

De acordo com Santos (2010) o conceito de epistemicídio, refere-se ao processo de destruição ou marginalização de saberes que não se alinham aos paradigmas dominantes da epistemologia ocidental, eurocêntrica. O epistemicídio funcionaria como uma ferramenta eficaz e perene na manutenção da dominação racial. Ele age ao intensificar a negação da legitimidade dos saberes de grupos marginalizados, o que, por sua vez afeta o reconhecimento dessas populações como sujeitos de plenos direitos.

Embora o conceito de epistemicídio tenha surgido no contexto dos estudos pós-

[6] Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (Org.) (2010). *Epistemologias do Sul*. Coimbra, Portugal: Edições Almedina. S.A.

coloniais, suas implicações se estenderam a várias outras áreas de estudo, incluindo os direitos e as lutas das comunidades surdas.

A transposição do conceito de epistemicídio para o contexto das comunidades surdas envolve a adaptação do entendimento original de Boaventura de Sousa Santos sobre a destruição de saberes não-ocidentais, aplicando-o especificamente à marginalização das epistemologias surdas e da língua de sinais.

Ao transpor esse conceito para o contexto da comunidade surda, ele passa a referir-se à subordinação dos saberes e formas de comunicação dessas comunidades, uma violência epistemológica que ocorre principalmente nas práticas educacionais e nos sistemas de comunicação predominantes. Tais práticas educacionais sob viés do epistemicídio surdo desconsideraram a língua de sinais e os saberes próprios das comunidades, em favor de um modelo de educação que visava a "normalização" da surdez.

De acordo com Santos (2010), os saberes das comunidades marginalizadas, como a dos surdos, são excluídos das instituições educacionais, científicas e culturais dominantes. No caso da educação de surdos, o epistemicídio se concretiza na persistente imposição do oralismo, na exclusão da Lingua Brasileira de Sinais (Libras) dos processos pedagógicos e curriculares, e na ausência de protagonismo surdo na formulação das políticas educacionais. O apagamento de sua língua, cultura e modos próprios de produzir e transmitir conhecimento evidencia um modelo educacional ainda centrado em paradigmas audistas e capacitistas, que privilegiam a norma ouvinte como padrão universal.

Harlan Lane em sua obra *A máscara da benevolência* apresenta precisamente essa crítica ao modo como a comunidade surda foi tratada por instituições ouvintes. Quando passamos a refletir sobre "inclusão" de sujeitos surdos em parâmetros estabelecidos pela comunidade ouvinte no campo educacional, torna-se necessária a distinção que existe entre inclusão meramente formal e inclusão efetiva.

A inclusão formal verifica-se quando o estudante surdo é inserido administrativamente na escola regular e, sob o ponto de vista jurídico, passa a ser considerado incluído. Contudo, se essa inserção não for acompanhada de condições concretas de acessibilidade linguística, formação adequada dos professores, valorização da língua de sinais e reconhecimento da dimensão visual da aprendizagem surda, a instituição escolar apenas transfere a exclusão para o interior da própria sala de aula. A literatura

brasileira sobre educação bilíngue tem insistido nesse ponto ao demonstrar que a simples coexistência de duas línguas no espaço escolar não assegura, por si só, uma educação de qualidade; é indispensável que Libras e língua portuguesa ocupem funções pedagógicas claras, consistentes e compatíveis com as necessidades do estudante surdo.

É precisamente nesse aspecto que a contribuição de Carlos Skliar se revela complementar à de Harlan Lane. Em *Educação & exclusão: abordagens socioantropológicas em educação especial* (1997), o pesquisador Skliar propõe o afastamento de perspectivas patologizantes e normalizadoras da diferença, defendendo uma compreensão socioantropológica da educação especial. Nessa perspectiva, a surdez não pode ser reduzida a um déficit biológico ou orgânico, mas deve ser compreendida também como condição linguística, histórica, social e cultural. Tal entendimento representa uma crítica direta às práticas educacionais que, ao longo do tempo, submeteram os surdos a processos de correção, ajustamento e apagamento de sua singularidade, em vez de reconhecê-los como sujeitos de direitos (epistemologia surda).

Sob esse prisma, o debate sobre inclusão precisa ser redefinido. A questão não reside em rejeitar a inclusão enquanto princípio, mas em problematizar uma inclusão fundada na adequação do sujeito surdo à lógica ouvinte hegemônica, ou seja, uma inclusão que exige da pessoa surda adaptação ao universo ouvinte. Uma política educacional pode afirmar que valoriza a Libras ao oferecer intérpretes ou cursos de língua de sinais para ouvintes; todavia, tais medidas permanecem insuficientes se não enfrentarem a questão estrutural. Grande parte das crianças surdas nasce em famílias ouvintes e necessita de contato precoce, contínuo e qualificado com uma língua de sinais, sob pena de sofrer prejuízos em seu desenvolvimento linguístico, cognitivo e social. Nesse sentido, a produção acadêmica recente tem reafirmado a centralidade da língua de sinais e da educação bilíngue como pilares da escolarização de estudantes surdos.

O conceito de epistemicídio surdo, inspirado pelo trabalho de Santos, revela como as políticas educacionais excludentes, como o oralismo (que prioriza a comunicação através da fala e da leitura labial), não apenas negaram a língua de sinais, mas também invalidaram a epistemologia e a identidade cultural surda. Isso se deu em um contexto em que os saberes surdos eram sistematicamente suprimidos, deixando os surdos em uma posição de subordinação dentro do sistema educacional.

A crítica à chamada “máscara da benevolência” permite, assim, evidenciar uma contradição recorrente: a política pública pode apresentar-se como inclusiva e, ao mesmo tempo, enfraquecer ou esvaziar os espaços bilíngues, a presença do professor surdo, a circulação da cultura surda e a autonomia pedagógica da própria comunidade. Em termos concretos, isso significa que a escola acolhe o estudante surdo sem lhe assegurar aquilo que efetivamente confere sentido à experiência escolar: uma língua de instrução acessível, vínculos de pertencimento cultural, convivência com pares surdos e participação da comunidade surda na formulação do projeto educativo. A própria literatura brasileira sobre educação de surdos tem registrado essa tensão entre, de um lado, as reivindicações históricas do movimento surdo por escolas bilíngues e, de outro, a adoção de políticas inclusivas amplas e homogeneizadoras.

Há ainda uma dimensão política que não pode ser negligenciada. A crítica formulada por Lane aproxima-se do conceito de audismo, amplamente difundido nos estudos surdos para designar a valorização da condição ouvinte como norma superior e a consequente desqualificação das formas surdas de ser, comunicar-se e aprender. Trata-se, portanto, de uma categoria analítica importante para compreender práticas discriminatórias que, embora frequentemente naturalizadas, reproduzem relações de poder desfavoráveis à comunidade surda.

Desse modo, discutir a “máscara da benevolência” no contexto da inclusão significa, em última análise, questionar quem define o que é melhor para os surdos. Se essa definição continuar sendo produzida exclusivamente por instituições ouvintes, pautadas em parâmetros de normalização e adaptação, a inclusão tenderá a permanecer apenas no plano do discurso. Em contrapartida, quando o debate incorpora os direitos linguísticos, a centralidade da experiência visual, a educação bilíngue, a língua de sinais e o protagonismo da comunidade surda, a inclusão deixa de ser mera aparência e passa a constituir um compromisso real com a justiça educacional.

5. Considerações finais

Os principais precursores da educação dos surdos no mundo emergiram em diferentes períodos históricos e regiões geográficas, cada um contribuindo com ideias e práticas inovadoras, cada um trazendo diferentes olhares à educação da comunidade

surda.

Transcenderam fronteiras e influenciaram as práticas educacionais em todo o mundo. Faz-se importante observar que se não fosse o pioneirismo de ditos educadores ainda estaríamos atuando como uma sociedade excludente, preconceituosa e segregacionista. Entretanto, ao longo do tempo e à medida que as abordagens pedagógicas evoluíram, observamos a implementação de legislações que ampliaram o reconhecimento da identidade cultural surda. Entre essas regulamentações, destaca-se a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, promulgada em 2006, que reiterou a relevância da educação inclusiva e do respeito à língua e cultura dos indivíduos surdos.

Os precursores da educação dos surdos desempenharam papéis fundamentais na construção de um caminho mais inclusivo e igualitário para as pessoas surdas em todo o mundo

O reconhecimento e valorização da língua de sinais como um meio de comunicação completo e natural para muitos indivíduos surdos representam um marco histórico significativo na evolução da educação voltada para essa comunidade. O entendimento da importância da língua de sinais como uma ferramenta essencial para a comunicação e o desenvolvimento linguístico de pessoas surdas foi compartilhado por notáveis precursores, entre os quais destacam-se Pedro Ponce de León, Girolamo Cardano, Jean-Marc Gaspard Itard e Thomas Braidwood, entre outros. Esses precursores compreenderam que a língua de sinais é um componente fundamental na vida dos surdos, proporcionando uma via efetiva para a expressão e a compreensão. A valorização e o reconhecimento da língua de sinais contribuíram significativamente para a promoção da comunicação eficaz e para a autonomia linguística e cultural da comunidade surda em todo o mundo.

Ademais, é de suma importância destacar o reconhecimento da identidade cultural dos surdos como uma comunidade distinta, dotada de sua própria história, valores e tradições. Notáveis educadores, a exemplo do Abade Charles-Michel de L'Épée, Louis Marie Laurent Clerc e Ferdinand Berthier, reforçaram a relevância de honrar a cultura surda e de apreciar a singularidade que a caracteriza. A identidade cultural surda constitui-se como um elemento intrínseco na vivência das pessoas surdas e, como tal, requer o

devido apreço e respeito em todas as esferas da sociedade.

Precursores notáveis, como Samuel Heinicke, responsável pela introdução do oralismo na Alemanha, e Thomas Hopkins Gallaudet, fundador da primeira escola para surdos nos Estados Unidos, adotaram abordagens educacionais distintas. Entretanto, ambos compartilhavam uma visão comum, centrada na oferta de educação equitativa e oportunidades inclusivas para os surdos. A incessante busca por métodos que atendam às necessidades individuais dos surdos e fomentem a sua inclusão permanece um princípio fundamental e inalienável na esfera da educação para surdos.

Os principais precursores da educação dos surdos no mundo desempenharam papéis fundamentais na transformação das perspectivas educacionais e sociais para essa população. Suas contribuições pioneiras, apesar das controvérsias que surgiram, moldaram o cenário educacional contemporâneo dos surdos, influenciando abordagens pedagógicas, políticas públicas governamentais e percepções sociais. A valorização da língua de sinais, o reconhecimento da identidade cultural dos surdos e o compromisso com a educação inclusiva continuam sendo pilares essenciais no avanço da educação dos surdos em escala mundial.

Por fim , as contribuições de Santos, Lane e Skliar reforçam que a história da educação dos surdos não pode ser narrada apenas pela perspectiva ouvinte, e nem como sucessão linear de métodos pedagógicos, mas também como campo de disputa entre modelos de poder, concepções de normalidade e projetos de sociedade. A inclusão, para ser juridicamente legítima e pedagogicamente efetiva, deve assegurar não apenas acesso, mas também pertencimento, voz, mediação linguística adequada e reconhecimento da cultura surda como dimensão constitutiva da dignidade humana. A superação do epistemicídio surdo demanda uma reformulação profunda das políticas educacionais, indo além do mero reconhecimento da língua de sinais como legítima. É necessário implementar um modelo educacional efetivamente inclusivo, que valorize a identidade linguística e cultural da comunidade surda, bem como seus modos próprios de produzir e compartilhar conhecimento, viabilizando à pessoa surda a igualdade de oportunidades.

REFERÊNCIAS

ANACHORETA, Vanessa Gomes Teixeira. Ensino para surdos no Brasil no século XX: contribuições de educadores para a área. *Lingvarvm Arena*, Porto, v. 13, p. 29-43, 2022.

CABRAL, E. Para uma cronologia da educação dos surdos. *Revista de Comunicação*, v. 3, p. 35-53, 2005.

COSTA, Edivaldo da Silva; BARBOSA, Mônica de Góis Silva. História da educação dos surdos. Disponível em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalago/12222928072021Aula_02.pdf. Acesso em: 8 ago. 2023.

COSTA, Edivaldo da Silva. *Mãos tecendo histórias de vida: memórias dos surdos sergipanos egressos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (1944-1979)*. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018. Disponível em: https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/8658. Acesso em: 10 ago. 2023.

JANNUZZI, Gilberta de Martino. *A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI*. Campinas: Autores Associados, 2004.

LAGE, Ana Luiza da Silva; KELMAN, Celeste Azulay. Educação de surdos pelo professor surdo, Ferdinand Berthier: encarando desconcertantes paradoxos e longevas lições. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v. 19, 2019. DOI: https://doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e050. Acesso em: 10 ago. 2023.

LANE, Harlan. *The mask of benevolence: disabling the deaf community*. New York: Alfred A. Knopf, 1992.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. *Educação especial no Brasil: história e políticas públicas*. São Paulo: Cortez, 2001.

MOURA, Maria Cecília de. *O surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro. Um pouco mais da história da educação dos surdos segundo Ferdinand Berthier. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 255-265, jun. 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2010.

SILVA, Paulo Igor Xavier da. Educação de surdos-mudos. Disponível em: https://www.webartigos.com/artigos/educacao-de-surdos-mudos-historia/116085/. Acesso em: 10 ago. 2023.

SILVA, Vilmar. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, Ronice Müller de (org.). *Estudos surdos I*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p. 14-37.

SKLIAR, Carlos (org.). *Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SOARES, Maria Aparecida Leite. *A educação de surdos no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2005.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. *Tobias Leite: educação dos surdos no século XIX*. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

STROBEL, Karin. *História da educação dos surdos*. Florianópolis: UFSC, 2009.